

Metodologia qualitativa em pesquisa sobre formação de professores: narração de uma experiência

Luzia Alves de Carvalho

Doutora em Ciências Políticas e Sociologia - UPSAM/Madrid

Mestre em Educação - PUC/RJ

Diretora do Instituto Superior de Educação do ISECENSA

Resumo

Um dos aspectos essenciais da pesquisa é a metodologia, o caminho que deve seguir o pesquisador em suas buscas. A pesquisa sociológica – e a educação é uma delas – por sua natureza complexa, viva, multifatorial aponta para a pesquisa qualitativa como marco filosófico-metodológico mais adequado à compreensão das suas questões, dos modos gerais pelos quais as realidades são admitidas como conhecidas e dos processos pelos quais esses conhecimentos se estabelecem como realidade. Compreender assim a pesquisa qualitativa é o objetivo deste artigo, que evidencia ainda duas técnicas de pesquisa qualitativa: a entrevista em “grupo focal” e a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), uma modalidade de processamento de depoimentos a partir do programa “QualiQuantSoft”.

Correspondência:

Rua Salvador Correa, 139 - Centro
28035-310 - Campos dos Goytacazes - RJ
Telefone: +55 (22) 2726.2727
Fax: +55 (22) 2726.2720
www.isecensa.edu.br
e-mail: isecensa@isecensa.edu.br

Palavras-chave

Pesquisa qualitativa, grupo focal, Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), “QualiQuantSoft”

Qualitative Methodology in Search about teacher's upbringing: a narrative of an experience

Luzia Alves de Carvalho

Doctor in Politic Science and Sociology - UPSAM/Madrid

Master in Education - PUC/RJ

Director of Superior Institute of Education- ISECENSA

Abstract

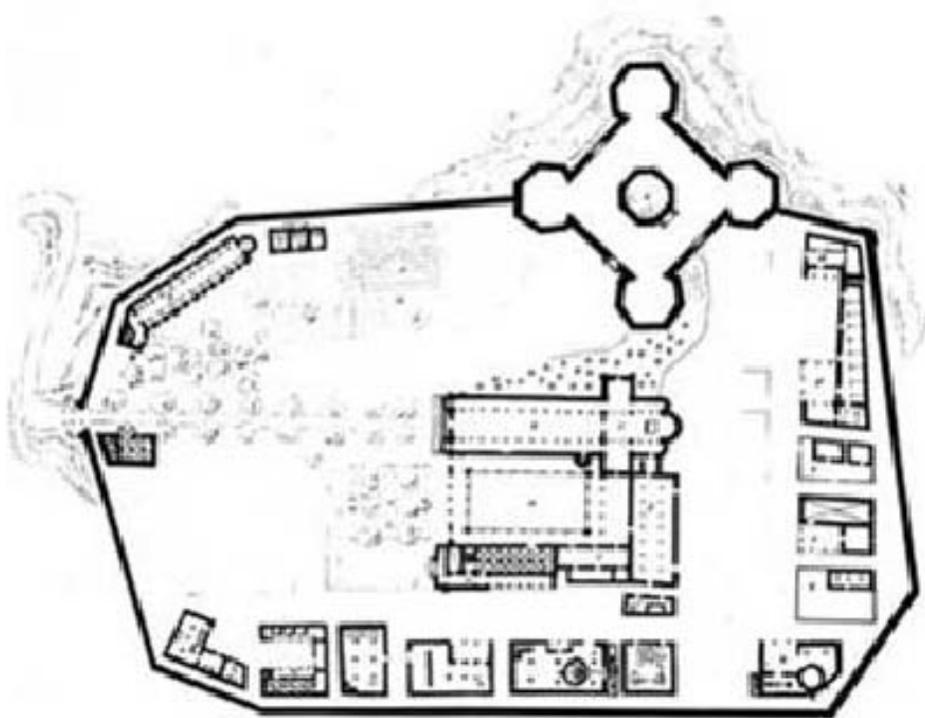
One of the most essential aspects of the search is the methodology, the way that the researcher should follow. The sociological search – and the Education is one of them – through its complex, bright, multifaceted nature, aims to a qualitative search as a philosophical and methodological landmark more appropriate to its questions comprehension, in general how reality is admitted as known and the process which this knowledge be established as reality. Understanding the qualitative search is the aim of this article, that shows two qualitative search techniques: the interview in “focus groups” and the methodology of Collective Personal Speech (CPS), a kind of statements processing by the program “QualiQuantSoft”.

Correspondence:

Rua Salvador Correa, 139 - Centro
28035-310 - Campos dos Goytacazes - RJ
Phone number: +55 (22) 2726.2727
Fax: +55 (22) 2726.2720
www.isecensa.edu.br
e-mail: isecensa@isecensa.edu.br

Key works:

Qualitative search, focus groups, Collective Personal Speech (CPS), “QualiQuantSoft”.



Planta da Abadia beneditina que Umberto Eco imortalizou em “O Nome da Rosa” (1983).

No romance “O Nome da Rosa”, Umberto Eco, escritor, professor e autor de ensaios sobre semiótica, tece caminhos e representações pela abadia de pedra.

É uma bela história de investigação à qual se aplica, perfeitamente, o paradigma indiciário de Ginzburg (2002)

(...) Vi a abadia (...). Era uma construção octogonal (...) figura perfeítíssima” (Objetividade).

“Três fileiras de janela davam o sétimo trinário de sua sobrelevação, de modo que aquilo era fisicamente quadrado na Terra, era espiritualmente triangular no céu” (Subjetividade: interpretação de dados a partir de indícios).

E, entre tantos exemplos encontramos, também, na narrativa de Umberto Eco o jogo entre elementos imponderáveis, a intuição, o foco nos indícios que fazem dessa obra a explicitação de uma metáfora do espírito minucioso, penetrante, cuidadoso, intuitivo de um pesquisador.

Introdução

A diversidade cultural, a velocidade e a rapidez das mudanças que caracterizam a sociedade do conhecimento e da informação, o mercado de trabalho carente de pessoal qualificado, a quebra de paradigmas civilizacionais, a inversão de valores e tantas outras questões de natureza histórico-social e pedagógico-didática constituem grande desafio à educação e conseqüentemente à formação de professores.

Enfrentar esse desafio tem sido minha preocupação como formadora de professores, motivo pelo qual realizei pesquisa sobre a natureza e o significado da identidade institucional coletiva de uma equipe de professoras¹, explicitação de uma experiência de formação docente em tempo pós-moderno.

Neste artigo abordaremos a metodologia qualitativa utilizada na pesquisa, destacando a técnica de “entrevista em grupo focal” e o programa *QualiQuantSoft* como instrumentos que nos possibilitaram coletar e quantificar dados qualitativos, construindo o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) de diferentes grupos, sujeitos de nossa pesquisa.

Buscando um paradigma de ação

É o objeto de estudo que define a linha de encaminhamento da investigação. Considerando o processo da formação contínua das professoras da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino

Fundamental do Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora como nosso objeto do estudo - uma realidade complexa, dinâmica, resultante de um processo multifatorial - percebemos que ele não pode ser compreendido em sua inteireza por meios predeterminados, como nas investigações quantitativas. Para captá-lo utilizamos a metodologia qualitativa, a partir dos estudos de Alvira (1983), Miguel Valles (2003), Bauer e Gaskell (2003), entre outros adeptos da pesquisa qualitativa.

Referindo-se ao tema, Alvira (1983, p. 54) destaca a existência de uma dicotomia metodológica/substantiva nas pesquisas de caráter sociológico: de um lado, a perspectiva humanista/qualitativa com ênfase na linguagem, na interpretação dos fatos humanos e na consideração do ponto de vista do ator; do outro, a perspectiva cientificista/quantitativa com ênfase na formalização de teorias.

Uma volta à década de 60 mostrou-nos a queda da hegemonia do paradigma quantitativo e o despontar do paradigma *interpretativo* ou *qualitativo*. Tal fato ocorreu paralelamente ao despertar da fenomenologia, com uma nova visão da ciência e do conhecimento científico. Porém, a validade da pesquisa qualitativa foi muito questionada quanto à idéia de verificação ou prova de hipóteses, recebendo numerosas críticas. Destacam-se dentre elas as de Popper, Lakatos e Kuhn (ALVIRA, 1983, p. 56) e as do Círculo de Viena². Com os avanços tecnológicos a questão da verificação ou prova de hipóteses entrou em crise.

¹ Utilizaremos o termo no feminino, por serem as professoras a maioria na Educação Infantil e Fundamental, não só no Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora (CENSA) de Campos dos Goytacazes, RJ, objeto de nossa pesquisa, mas também nas escolas, em geral. Escolhemos trabalhar com as professoras com período integral. Esse é o motivo de não termos incluído os homens, que são professores de Educação Física e Educação Artística, nestes segmentos, em regime de horista.

² O Círculo de Viena: constituído por um grupo de filósofos e cientistas organizados informalmente em Viena, encontravam-se semanalmente, entre 1922 e 1936. Seu sistema filosófico ficou conhecido como “Positivismo Lógico”.

Kaplan (1964 apud ALVIRA, 1983) enfatiza que a pesquisa qualitativa possibilita acesso a todos os aspectos dos fenômenos, sem abstrair nem quantificar, permitindo conhecimento real, facilitado pela experiência com o objeto de estudo,

Goffman (2004) abriu espaço teórico para aperfeiçoamento de métodos de pesquisa em educação com enfoque na interação social como forma de co-construção de significados. Desenvolveu pesquisas etnográficas, principalmente em ambientes educacionais, alicerçadas no paradigma empírico de cunho interpretativo. Este modalidade de pesquisa enfatiza a sistematização e o rigor aliados à observação, interpretação e descrição do pesquisador. Para o autor é indispensável sistematizar as técnicas de coleta de dados, a fim de que o pesquisador possa aliar aos dados empíricos um ponto de vista teórico e um conjunto de questões sólidas, para validar sua pesquisa. O agente pesquisador precisa se inserir na comunidade pesquisada, passando a fazer parte do ambiente em cuja instância social a observação ganha aspectos participativos.

A metodologia qualitativa exige a superação da lógica da linearidade diacrônica e requer a construção de um modelo sincrônico historicamente fundado. Em outros termos, exige a “diacronia” do sincrônico que comporta individuar as variáveis ou identidades dinâmicas constitutivas, isto é, constitui-se a partir das características estruturais objetivas nas quais os indivíduos e os grupos vivem e atuam. Essa metodologia ajuda a colher a realidade social em sua fecundidade, não como realidade codificada, privada de suas tensões e emoções, características de tudo aquilo que é vida (FERRAROTTI, 1997; CHALOU, 1989).

A etnografia - uma modalidade de pesquisa qualitativa - é, segundo Cunha (2002), espaço da produção do conhecimento na vida diária, permitindo

captar o mundo assim como ele é experimentado em sua complexidade social e na riqueza de seu contexto específico.

Como o indivíduo nasce em um mundo histórico social, sua situação biográfica é, desde o início, determinada por elementos sociais dados. Estruturas de significados situam-se em contextos de sentido socialmente determinados. Isto foi significativo em nossa análise da formação das professoras, seus significados motivacionais e profissionais.

Em nossa pesquisa priorizamos a metodologia qualitativa porque ela possibilita trabalhar a relação observador/observado, os elementos simbólicos e as representações sociais favorecendo a compreensão dos valores e práticas mais profundos e subjetivos da realidade. Por meio dela foi possível observar, registrar, analisar interações reais entre pessoas e entre elas e o sistema educativo mais amplo do CENSA.

Fizemos, para isso, uma caminhada etnográfica que pode ser compreendida a partir da metáfora do teatro. Quando a cortina se abre, o expectador é projetado para um outro mundo com seus próprios significados. Quando a cortina se fecha, o expectador retorna à realidade primeira; a realidade do palco parece então, tênue e efêmera.

Como expectadora atenta, procuramos olhar o que se desenrolava à nossa vista: o processo constitutivo da identidade institucional coletiva das professoras, tecido em uma estrutura temporal, localizada, configurando sua situação histórica, na totalidade social da Escola.

Isso nos remeteu ao conceito de “tipificação” utilizado por Berger e Luckmann (2003). Tal conceito é pertinente ao estudo sobre a constituição da identidade institucional coletiva das professoras, sua natureza e o processo que a mantém, pois a realidade cotidiana das professoras do CENSA contém esquemas tipificadores em

torno dos quais os “outros” são apreendidos, e estabelecidos os modos como as pessoas lidam com eles, no encontro face a face.

Essas tipificações se expressam na relação das pessoas com os outros e da instituição com suas origens; na estrutura social - soma das tipificações e dos padrões recorrentes de interação grupal. Assim sendo, a estrutura social totalizante e unificada foi percebida como essencial à vida cotidiana do CENSA – elemento estruturante e de coesão social.

Nosso estudo centrou-se nessas “tipificações” que constituem o senso comum das professoras, elementos integrantes do contexto histórico e sócio-cultural do CENSA. Buscamos nas tipificações por elas produzidas e/ou assumidas, os fundamentos da realidade que constitui seu cotidiano, desvelando significados subjetivos na facticidade objetiva.

Pesquisa qualitativa:

ASPECTOS GERAIS

São muitos os autores que discorrem sobre a pesquisa qualitativa. Destacamos entre eles Alvira (1983), André (2002), Bauer e Gaskell (2003), Fazenda (1997), Haguette (2001), Ibáñez (1989), Lakatos e Marconi (1988), Lüdke (1996), Miguel Valles (2003), Polity (2002), Thiollent (2000), entre outros.

Desde 1960, a perspectiva humanista-qualitativa, vem tomando forma e configuração, principalmente com Florian Znaniecki que entronizou a observação participante e a história de vida como métodos/técnicas adequados à pesquisa sociológica.

Para Halfpenny (1979 apud ALVIRA, 1983) e Blaxter, Hughes e Tight (2002), a pesquisa qualitativa é exploratória, reflexiva, holística, fenomenológica, relativista e

ideográfica. Reichardt e Cook, também citados por Alvira (1983), consideraram o enfoque qualitativo como processo holístico, centrado na interpretação e na compreensão, utilização de dados subjetivos, reais, vivos e próximos ao objeto de estudo. Faz-se, geralmente, com reduzido número de sujeitos.

Para os autores, a fenomenologia está preocupada com a compreensão da conduta humana a partir do próprio ator, servindo-se da observação naturalista, ou outras técnicas, segundo a natureza do objeto. Orienta-se para o processo, estuda poucos casos não generalizantes, através de uma realidade dinâmica. A amostra representa a população a partir de determinado número de critério presentes na população (BAUER; GASKELL, 2003).

O conhecimento da realidade social é o principal objetivo da pesquisa qualitativa/humanista. Porém, este conhecimento é interpretativo. Conhecer a realidade não é explicá-la causalmente, mas interpretá-la adequadamente a partir dos sentidos dos próprios atores sociais. A representação geral sobre a interpretação/compreensão pode acontecer em três categorias e níveis: *conhecimento intuitivo*: capacidade de aprender significados pessoais inerentes a um contexto social; *conhecimento através da experiência*; *conhecimento mediante a identificação pessoal*, empática ou simpática. Estas três categorias se distanciam do conhecimento estatístico e levam ao conhecimento pessoal (BLAXTER et al, 2002).

Alvira (1983) explica que a compreensão a partir da experiência consiste em distinguir o que é *conhecimento tácito* e *conhecimento explícito*. O conhecimento tácito é conhecimento pessoal e subjetivo, fundamentado na experiência direta com o meio social e não-social. O explícito é o conhecimento público, ou seja, a informação verbal que se transmite por mediação simbólica. Abell (ALVIRA, 1983) e Blaxter,

Hughes e Tight (2002) assinalam que esta compreensão se baseia em generalizações a partir de experiências diretas e pessoais. Esses dois tipos de conhecimento foram trabalhados em nossa pesquisa, possibilitando melhor compreensão e interpretação dos fatos.

Do ponto de vista qualitativo radical, uma compreensão perfeita é impossível, e o único método para aproximar-se dela é “viver a experiência”. Atores sociais colocam como característica básica a utilização da informação codificada e consideram que a idéia de eliminar todos os elementos pessoais de conhecimento destruiria o próprio conhecimento. O saber tácito é importante nas pesquisas sociológicas devido à impossibilidade de capturar toda a riqueza dos fenômenos sociais pela formalização. O conhecimento novo surge, em geral, do conhecimento tácito do cientista, de colegas especializados em observação participante, de achados experimentais, de dados de enquetes e da análise histórica.

O objetivo básico da ciência é a explicação da realidade para torná-la inteligível. A explicação causal é instrumento para se chegar ao conhecimento e à inteligibilidade do mundo. A compreensão e a interpretação são imprescindíveis nesta tarefa, mas não suficientes. O conhecimento tácito, experiencial deve se tornar explícito, público e formalizado para que possa ser transmitido.

Tanto na pesquisa qualitativa quanto na quantitativa os conceitos têm função mediadora entre teoria e observação, pois organizam, categorizam e viabilizam a observação. Blumer (1982 apud ALVIRA, 1983) opõe aos conceitos formalizados, operacionais e definitivos, os conceitos sensibilizadores resultado da pesquisa qualitativa e das técnicas da observação, porque são conceitos abertos, flexíveis e que sensibilizam o pesquisador em suas análises.

Trata-se de buscar conceitos adequados tecnicamente e que reflitam a realidade empírica. São conceitos abertos suscetíveis de modificações impostas pelos dados e/ou teorias. Dá-se mais importância à realidade que ao conhecimento teórico do pesquisador, uma vez que se pode extrair o conhecimento da realidade sensível à luz dos conhecimentos teóricos.

A perspectiva qualitativa valoriza a conceitualização do próprio ator social, pois os dados não falam por si. Baurer e Gaskell (2003), Richard e Cook (1979 apud ALVIRA, 1983) mostram que não há uma relação necessária entre o paradigma qualitativo/quantitativo e métodos e técnicas qualitativos e quantitativos. Não há nada que impeça o pesquisador de mesclar os atributos dos dois paradigmas para chegar à combinação apropriada ao problema da pesquisa que se empreende. No entanto, “muitos esforços são realizados ainda, na tentativa de justapor pesquisa quantitativa e qualitativa como paradigmas competitivos de pesquisa social” (BAUER; GASKELL, 2003, p. 23). Os métodos não são contraditórios, mas complementares. E as técnicas são modos de operacionalizá-los.

Dois técnicas para coleta de dados em pesquisa qualitativa

Miguel Valles (2003), Eco (2003), Lakatos e Marconi (1988), Lüdke e André (1986) acenam para variadas técnicas ou estratégias de coleta de dados em pesquisa qualitativa. Miguel Valles (2003) inclui entre as técnicas qualitativas de investigação social a leitura de documentos, a observação participante e a conversação, consideradas como recursos técnicos fundamentais. Em nossa pesquisa, utilizamos técnicas de conversação e, especificamente, “grupos de discussão” ou “*grupo focal*”.

A terminologia “*grupo focal*” não é consensual. Segundo Miguel Valles (2003), os conceitos são díspares e abordados diversamente por diferentes autores: quanto à *gênese* (IBÁÑEZ, 1979 apud MIGUEL VALLES, 2003, p. 280); quanto à *perspectiva histórica* (MORGAN, 1988 apud opus cit); quanto à *origem* (STEWART; SHAMDASANI, 1990 apud opus cit) e quanto à *organização* (KRUEGER, 1991 apud MIGUEL VALLES, 2003).

Para o autor a entrevista em grupo focal tem como meta a criatividade e a geração de novas idéias, a partir de um determinado tema em questão, colocado para um grupo de pessoas. Sua finalidade é exploratória.

Entrevista em “grupo focal”

Para clarificar o termo e contextualizar a técnica de entrevista em *grupo focal*, recorreremos a Miguel Valles (2003), Kaufman; Merton (2003) e Ibáñez (1989). Eles a assemelham à entrevista focalizada e à entrevista em profundidade. Merton é referência fundamental para o “grupo focal”, enquanto Krueger é o responsável pela mudança da “*focused interview*” para “*focus groups*” (VALLES, 2003, p. 280).

Merton, sociólogo dos mais influentes no século XX é considerado o pai dessa técnica. Morreu em 2003, tendo já alcançado sua reputação de pioneiro na sociologia da ciência, explorando o modo como cientistas se comportam, o que os motiva, recompensa e amedronta. Adotou a entrevista em *grupo focal* para obter respostas para programas radiofônicos e filmes. Depois de ter ajudado a projetar a metodologia de entrevista em

“grupo focal” deplorou seu abuso e mau uso ao afirmar: “eu gostaria de ter direitos autorais sobre ela” (KAUFMAN, 2003).

Stewart e Shamdasani (1990 apud MIGUEL VALLES, 2003) acentuam que depois das pesquisas empreendidas por Merton no mercado, os “grupos focais” transformaram-se historicamente e se converteram em poderosa ferramenta de pesquisa científica, principalmente no campo das ciências sociais. Essa técnica é indispensável hoje em qualquer gerência que se quer estrutural e inovadora.

Foi a partir da “entrevista focalizada” que se cunhou o termo “grupo focal”, passando a técnica a ser conhecida pela academia, somente depois de décadas. Dos mercados à academia, a técnica toma fôlego com sociólogos espanhóis, principalmente com Ibáñez e Ortí (MIGUEL VALLES, 2003)³. Seus escritos estão na origem e expansão das técnicas qualitativas: entrevista aberta, grupo de discussão, entre outras.

Para Cotrim (1996 apud ZIONE, 1999), o grupo focal pode ser entendido como um tipo especial de grupo em termos do seu propósito, tamanho, composição e dinâmica. Basicamente, ele é considerado uma espécie de entrevista de grupos, um processo em que se alternam perguntas do pesquisador e respostas dos participantes. Sua essência consiste em se apoiar na interação entre seus participantes para colher dados a partir de tópicos que são colocados à discussão pelo pesquisador.

Geralmente os grupos focais são formados por 8 a 12 pessoas, reunidas para avaliar conceitos ou identificar problemas, constituindo-se em uma ferramenta comum de pesquisa (CAPLAN, 1990 apud DIAS, 2000).

³ Na Espanha, o Instituto ECO tinha como técnico Ibáñez e funcionava desde 1958. O DATA, criado em 1965 aglutinou outros membros coordenados por Ibáñez; entre eles: Ortí, com um trabalho pioneiro sobre entrevista aberta.

A entrevista em grupo focal é uma “esfera pública ideal”, lugar de debate aberto e acessível a todos, no qual os interesses são os mesmos e a diferenciação de *status* não é levada em consideração. Seu objetivo central é identificar percepções, sentimentos, atitudes de cada membro do grupo, a respeito de um determinado assunto, discutido racionalmente, mas com o calor da emoção da criatividade e com as características de cada participante. Por isso, é imprescindível ouvir os participantes para, a partir de suas falas, interpretar e compreender a realidade vivida por eles, seus conhecimentos e experiências. A entrevista em grupo focal possibilita essa compreensão mediante interpretação dos dados, em profundidade e detalhadamente, detectando comportamentos sociais e práticas cotidianas (HABERMAS, 1992 apud BAUER; GASKELL, 2003).

Krueger (1991) destaca como características do grupo focal: o envolvimento de pessoas, as reuniões em série, a homogeneidade dos participantes quanto aos aspectos de interesse da pesquisa, a geração de dados de natureza qualitativa, a discussão focalizada, conforme os objetivos a que se propõe o pesquisador. A técnica visa orientar e servir de referencial à investigação de temas novos e instigantes, gerar teorias baseadas na percepção dos informantes, avaliar diferentes situações de pesquisa e gerar informações novas referentes a um determinado campo.

A adequabilidade da técnica mostra-se na participação ativa de todos os implicados, podendo-se combinar com elementos de entrevista individual e de observação participante. As informações obtidas podem ser de grande importância, uma vez que, dificilmente, seriam coletadas servindo-se de outra técnica (BAUER; GASKELL, 2003).

No grupo focal, os participantes influenciam-se mutuamente pelas respostas

às perguntas colocadas pelo mediador, estimuladas por comentários, associação livre, figuras sobre o tema, fotografias e até mesmo dramatizações. A entrevista em grupo focal geralmente se realiza com pessoas desconhecidas. Isto porém, não constitui um pré-requisito. Às vezes, a familiaridade é altamente positiva, quando se deseja partilhar algo comum a todo o grupo, como em nossa pesquisa. No CENSA as professoras partilham uma identidade comum, vivenciada numa “comunidade de destino”, cujas metas são também comuns. As fotos a seguir mostram dois momentos de entrevista em grupo focal com professoras do CENSA, com a presença da moderadora e da observadora.



Grupo de Professoras da Educação Infantil hoje e Grupo de Professoras da Década de 70

Miguel Valles (2003) ressalta que a sessão é dirigida pelo coordenador/moderador por meio de perguntas e/ou questões propostas a partir dos objetivos da pesquisa. Para ele, a espontaneidade é condição para que os participantes se sintam à vontade e discorram com liberdade sobre o tema. O coordenador pode interferir em vista dos objetivos, solicitando esclarecimentos ou fazendo novas perguntas suscitadas pela fala dos participantes.

Cabe ao observador familiarizado, com a técnica, a função de anotar os aspectos relevantes dos depoimentos. Estes devem ser gravados e o conteúdo captado na íntegra.

Trabalhamos em nossa pesquisa, com dois grupos de 14 e 12 professoras, da Educação Infantil e dos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental do CENSA, respectivamente.

As sessões duraram cerca de 1 hora e 40 minutos, orientadas por tópicos e/ou questões referentes aos objetivos traçados para nossa investigação. No decorrer da entrevista, levantávamos novos tópicos e/ou questões, solicitávamos exemplos e explicações necessárias à compreensão da realidade vivida pelas professoras.

Para tabular os dados e fazer a análise dos mesmos utilizamos a metodologia sobre o “Discurso do Sujeito Coletivo (DSC): uma proposta de análise em pesquisa social” (LEFÈVRE, F e LEFÈVRE, A. M., 2005a)⁴. Para isso, utilizamos o *QualiQuantiSoft*², *software* elaborado a partir da teoria do DSC.

Discurso do Sujeito Coletivo

A metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é desenvolvida como conjunto harmônico de procedimentos conformando descritivamente a opinião de uma dada coletividade como produto “qualiquantitativo”, compondo um painel de depoimentos discursivos. Desde a década de 90, quantidade significativa de trabalhos vêm atestando a eficiência dessa metodologia para tratar dados qualitativos.

Em 2000, a proposta ganhou reforço com o *software QualiQuantiSoft*, dando às pesquisas agilidade e versatilidade. O DSC é uma metodologia de processamento da essência de depoimentos de coletividades que serão depois analisados e interpretados.

Segundo os autores Lefèvre e Lefèvre (2005a), quando se busca resgatar o pensamento de uma coletividade sobre um tema, é preciso considerar que o pensamento e/ou a opinião dos indivíduos só podem ser vistos como depoimento discursivo, manifestação lingüística de um posicionamento sobre um tema composto de uma idéia central e seus conteúdos e argumentos.

Em termos metodológicos, o pensamento coletivo está mais validamente presente no indivíduo que no grupo, uma vez que o pensamento coletivo é a presença internalizada no pensar de cada um dos membros da coletividade, de esquemas socioculturais ou socialmente compartilhados. Mas o pensamento coletivo

⁴ Fernando Lefèvre – Doutor em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo(USP); professor titular dessa Universidade.

Ana Maria Cavalcanti Lefèvre – Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP); professora comissionada da Faculdade de Saúde dessa Universidade.

⁵ O programa *QualiQuantiSoft* é um *software* desenvolvido pela Sales e Paschoal Informática em parceria com a Universidade de São Paulo (USP), por intermédio da Faculdade de Saúde Pública, na pessoa dos professores Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre, criadores da metodologia do DSC. Versão 1.3c buld (1000.8). Licença de uso profissional para a pesquisadora

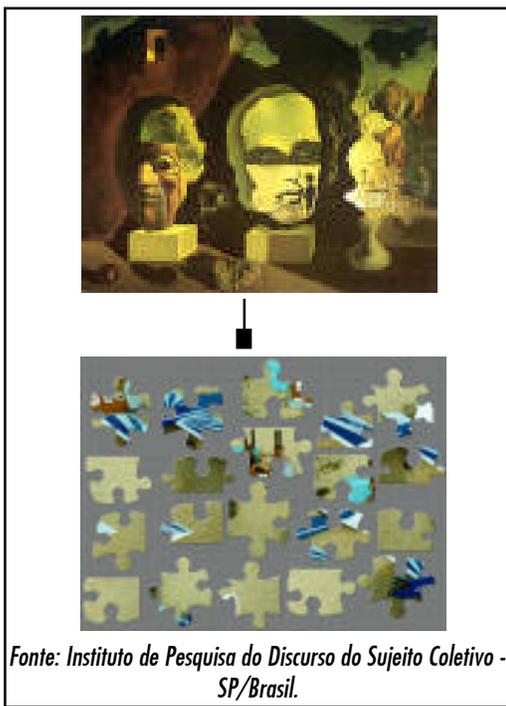
não é apenas um sujeito coletivo, mas um sujeito coletivo que pensa um objeto, que pensa o pensamento da coletividade.

A técnica do DSC resgata opiniões coletivas por meio do pensamento coletado em questões abertas, o que faz com que o pensamento, como comportamento discursivo e fato social individualmente internalizado, possa se expressar. O *Qualiquantisoft* permite trabalhar com amostras bem selecionadas e relativamente grandes de indivíduos.

O resgate das opiniões coletivas que desemboca num conjunto de discursos coletivos é um processo complexo, subentendendo momentos e operações realizadas sobre o material coletado na pesquisa. Trabalha com expressões-chave (E-ch); idéias centrais (ICs) e ancoragens (ACs), para formar o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

Para melhor compreensão do DSC vejamos a comparação com o quebra-cabeça: suas peças isoladas constituem extratos, fragmentos das declarações que apresentam sentido semelhante.

A opinião coletiva é a figura formada pela soma qualitativa dessas peças.



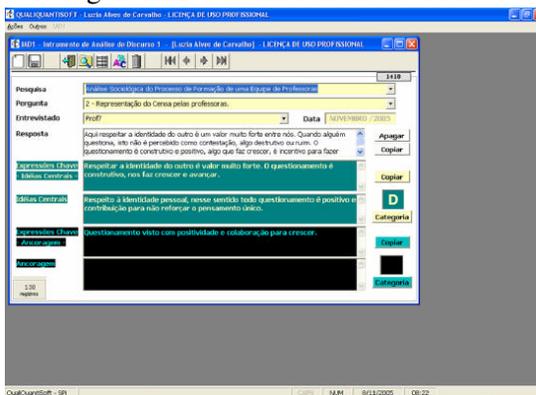
Fonte: Instituto de Pesquisa do Discurso do Sujeito Coletivo - SP/Brasil.

Assim, uma soma qualitativa pode ser entendida como reunião, em um único discurso, de respostas provenientes de diferentes indivíduos, que apresentam sentido semelhante.

O DSC descreve e expressa uma determinada opinião ou posicionamento sobre um tema presente numa formação sociocultural. Foi o que fizemos para captar o processo que constituiu a identidade institucional coletiva da equipe de professoras do CENSA.

Esse processo pode ser visualizado na tela do *QualiQuantSoft*, programa que nos permitiu categorizar segmentos de falas e elaborar, posteriormente, o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) dos diversos grupos entrevistados.

A tela se constitui de operadores: expressões-chave, idéias centrais, ancoragem e identificadores de sentido.



Tela do programa QualiQuantSoft

■ *Expressões-chave*
são trechos selecionados dos depoimentos que melhor descrevem seu conteúdo.

■ *Idéias centrais*
são fórmulas sintéticas que descrevem os sentidos presentes nos depoimentos de cada resposta e também nos conjuntos de respostas de diferentes indivíduos que apresentam sentido semelhante ou complementar.

■ **Ancoragem**

são *fórmulas sintéticas* Que descrevem não os sentidos, mas as ideologias, os valores, as crenças, presentes no material verbal das respostas individuais ou das agrupadas, sob a forma de afirmações genéricas destinadas a enquadrar situações particulares.

■ **Identificadores de sentido**

podem ser compreendidos como categorias. Em nossa pesquisa utilizamos, como indicadores de sentido, as letras de A a G agrupando depoimentos de sentidos semelhantes.

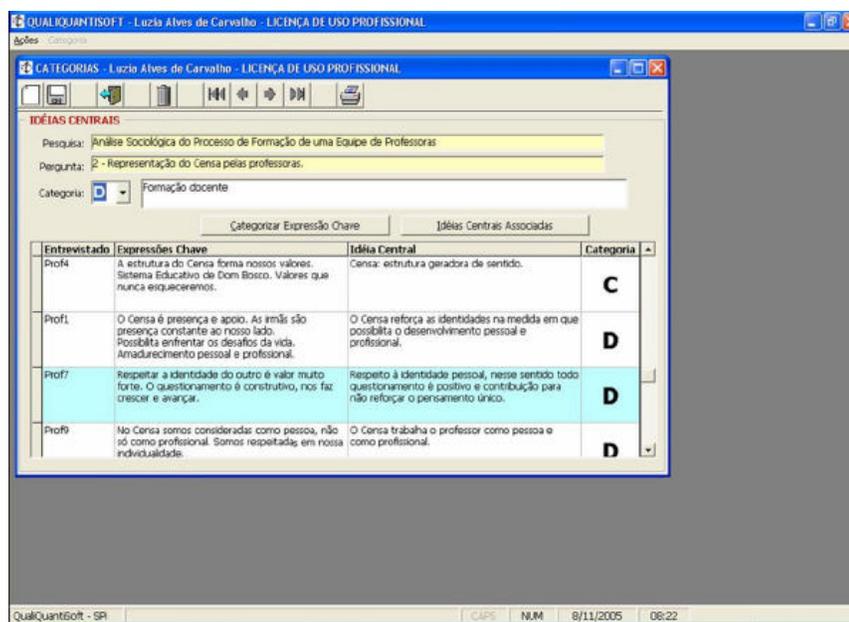
O DSC é a reunião das expressões-chave (E-ch) presentes nos depoimentos que têm idéias centrais (ICs) ou ancoragens (Acs) de sentido semelhante ou complementar. Essas E-Chs de sentido semelhante formam depoimentos coletivos, na pessoa de um só Sujeito Coletivo de Discurso (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005a).

A função de operadores Ics e Acs no DSC é paradigmática: identificar, nomear e distinguir um posicionamento ou opinião, de outro. Essa identificação pelas Ics e Acs é digital porque, para serem processados os sentidos presentes nos depoimentos individuais, precisam ser agrupados. Para diferenciar-se de outro grupo de sentido faz-se necessário uma distinção por meio de um identificador de sentido (categorias). Assim,

diferentes segmentos de discursos podem ser categorizados e posteriormente reunidos por sentido ou semelhança.

Os indicadores (de A a G) recebem um nome semanticamente descritivo, por outro mecanismo, não digital, mas sintético-indicial. Esse termo descritivo resume, identifica e distingue um conjunto de depoimentos do outro.

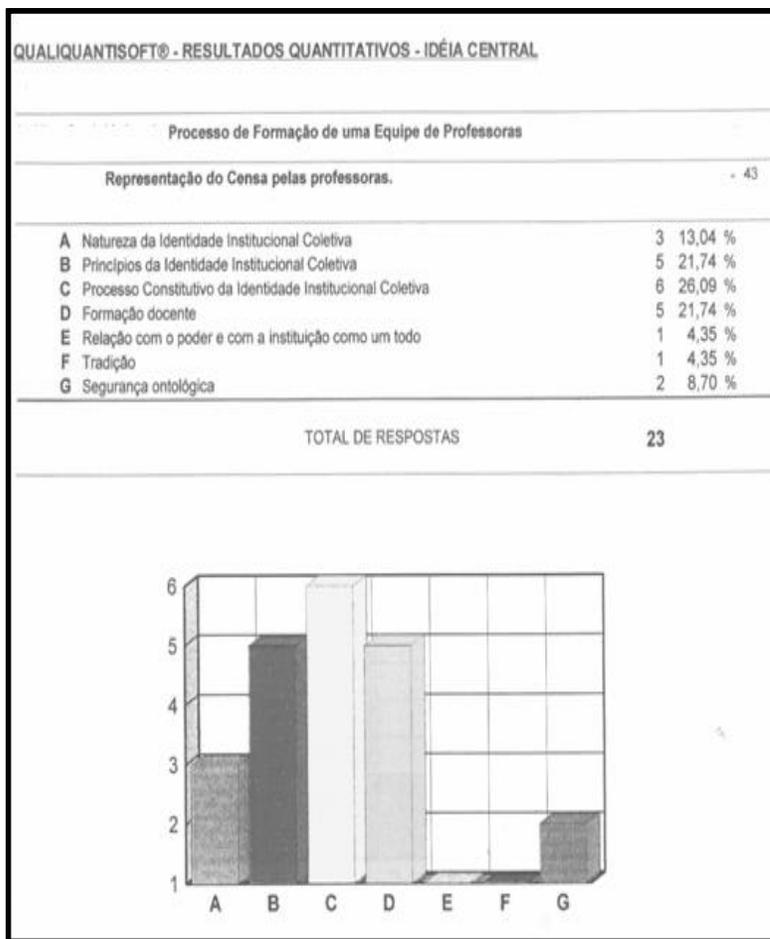
Em nossa pesquisa, os termos descritivos constituíram as categorias não pré-determinadas, mas extraídas das falas dos diversos grupos de entrevistados:



Tela do programa QualiQuantSoft

- A: Natureza da Identidade Institucional Coletiva
- B: Princípios da Identidade Institucional Coletiva
- C: Processo Constitutivo da Identidade Institucional Coletiva
- D: Formação Docente
- E: Relação com o Poder e com a Instituição como um todo
- F: Tradição
- G: Segurança Ontológica

O programa *QualiQuantSoft* possibilitou-nos representar graficamente a porcentagem de depoimentos por categorias. Isso permitiu-nos verificar a incidência dos depoimentos sobre determinados aspectos da pesquisa, facilitando o processo de análise e interpretação dos dados.



Tela do programa *QualiQuantSoft*

Ultrapassando as limitações do programa *QualiQuantSoft*, conseguimos agrupar todas as falas, cada uma em sua categoria ou identificador de sentido. Obtivemos, desse, modo, 42 Discursos do Sujeito Coletivo (DSC) provenientes das sete categorias levantadas e dos seis grupos de pessoas entrevistadas: professoras da Educação Infantil, professoras do Ensino

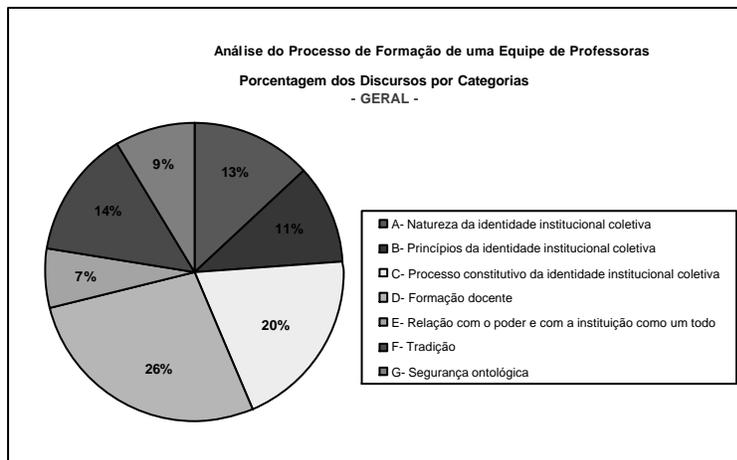
Fundamental, coordenadoras, professoras da década de 70, mães e/ou avós e juízes (pessoas neutras, não diretamente ligadas ao CENSA).

Os Discursos dos Sujeitos Coletivos foram elaborados e agrupados sob rubricas digitais, ICs e ACs e indiciais sintéticas,

operadores analógicos ou analogizantes, pois *constituem* “*representamens*” icônicos do pensamento coletivo como discurso (PIERCE, 1975 apud LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005a, p. 4). Este é a soma qualificada, agregando elementos que são expressões-chave (E-Ch) de respostas semelhantes de indivíduos distintos; não é produto de uma quantidade determinada de iguais, mas de semelhantes reunidos, compondo uma determinada qualidade – “discurso coletivo com sentido” - porque individualiza um determinado sentido, uma opinião coletiva que conforma outro discurso e conseqüentemente outra qualidade.

Esta “soma qualitativa” permite construir empiricamente o “pensamento coletivo” como discurso devido a um fundamento quantitativo porque cada um dos indivíduos pesquisados contribui com seu pensamento para o pensamento coletivo, e para compor cada um dos DSCs que reunidos conformam uma estrutura simbólica sobre o tema.

Definido quantitativamente o caráter coletivo do pensamento social, chegue-se a coletivizar os resultados pela quantidade, buscando-se saber quantos indivíduos concorreram para a construção de um determinado DSC. O gráfico a seguir ilustra a quantificação de dados qualitativos.



Da soma qualitativa (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005a) dos discursos individuais obtivemos os DSCs, priorizando o conteúdo

das expressões chave e das idéias centrais, ressaltando-se, tanto quanto possível, a autenticidade das falas. É o que se pode observar no quadro abaixo.

Expressões Chave	Idéias Centrais	DSC: Discurso do Sujeito Coletivo
A identidade Profissional exige de nós trabalho na linha dos valores do Sistema Preventivo. O Censa trabalha com visão renovada.	Identidade profissional do CENSA: trabalho na linha dos valores.	A identidade da escola é a nossa identidade. Nós somos “Auxiliadora” e procuramos passar o espírito Salesiano para as professoras novatas. Essa identidade institucional está em contínua transformação. Temos que acompanhar os tempos. A escola estimula para isso. A identidade profissional exige que trabalhem na linha do sistema preventivo, mas com visão renovada. Há uma continuidade da identidade institucional nas identidades individuais. A identidade da Instituição é a nossa identidade. É como se a instituição costurasse os sujeitos à sua estrutura. Esse estilo salesiano de ser e de educar é uma “marca” que adquirimos no contato com as Irmãs, elos de ligação e continuidade do carisma. A identidade se constrói na vivência do sistema educativo de D. Bosco no cotidiano das aulas, nas reuniões com as coordenadoras e com a Direção da escola.
A identidade da escola é a nossa identidade. Ela é construída na vivência do Sistema Preventivo de Dom Bosco no cotidiano das aulas, nas reuniões com a coordenação e com a direção, de fácil acesso. Para trabalhar aqui tem que ser profissional.	A realidade institucionalizada é experimentada e objetivada na realidade cotidiana.	
Eu sou o Auxiliadora. Nós somos Auxiliadora. Nós procuramos passar esse espírito salesiano para as professoras novatas. Nossa identidade tem que estar em contínua transformação. Temos que acompanhar os tempos. A escola nos impulsiona para isso.	A Escola configura a identidade das Professoras em contínua transformação.	
A instituição não perdeu a essência do carisma institucional, o atualizou. Vivenciamos o presente, com marcas do passado. A marca das Irmãs é forte. As Irmãs são elo de ligação e continuidade do carisma dos fundadores. A identidade costura o sujeito à estrutura.	A identidade institucional se forma na interação eu-sociedade. O núcleo interior (eu real) é modificado no diálogo com o mundo cultural exterior. Há uma continuidade da identidade institucional nas identidades individuais.	

As opiniões, como todo fato social, são reconstruções que, para poderem ser interpretadas, necessitam ser detalhadas, objetivas e engenhosamente descritas a partir de metodologia adequada e procedimentos padronizados. O *QualiQuantSoft* permitiu-nos realizar isso, trazendo à luz a representação das professoras e dos outros grupos de entrevistados sobre a constituição da identidade institucional coletiva das professoras do CENSA.

Pode-se dizer que o *QualiQuantSoft* constitui inovação nas pesquisas empíricas baseadas em depoimentos verbais: opinião

coletiva, processada em forma discursiva, apresenta vantagens em relação às processadas em forma puramente categorial; é semanticamente mais rica porque plena de conteúdos significativos; faz emergir variados detalhamentos individuais em uma mesma opinião coletiva; dá à pesquisa qualitativa densidade no tratamento dos dados, o que pressupõe espírito minucioso, penetrante, cuidadoso e intuitivo, tal qual o caminho tecido por Umberto Eco (1983) em “O Nome da Rosa”., extraordinária história de investigação à qual se aplica o paradigma indiciário de Ginzburg (2002).

Bibliografia

ALVIRA MARTÍN, F. R. et al. *Los dos métodos de las Ciencias Sociales*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas-CIS, 1979.

_____. Perspectiva Cualitativa-Perspectiva Cuantitativa en la Metodología Sociológica. *REIS – Revista Española de Investigaciones Sociológicas*. Madrid/CIS, n. 22, p. 53-75, 1983.

ANDRÉ, M. (org.) *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. 2.ed. São Paulo: Papirus, 2002.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 2.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A Construção Social de Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Tradução Floriano de Souza Fernandes. 23.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

BLAXTER, L.; HUGHES, C.; TIGHT, M. *Cómo se hace una investigación*. Barcelona: Gedisa, 2002.

CHALOUB, S. B. *Processo pedagógico gerador de uma consciência crítica: uma história de vida*. São Paulo: Loyola, 1989.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

DIAS, C. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. *Revista Informação e Sociedade*. João Pessoa: Editora Universitária (UFPB), v. 10, n. 2, p. 141-158, 2000.

ECO, U. *O Nome da Rosa*. Tradução Aurora F. Bernardini; Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. *Cómo se hace una tesis: técnicas y procedimiento de estudio, investigación y escritura*. Barcelona: Gedisa, 2003.

- FAZENDA, I. *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. São Paulo: Papirus, 1997.
- FERRAROTTI, F. *Storia e storie di vita*. Roma: Laterza, 1997.
- GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GOFFMAN, E. ***Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada***. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- _____. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. 12. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.
- HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. 2.ed. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2001.
- IBÁÑEZ, J. Perspectivas de la investigación social: el diseño en la perspectiva estructural. En GARCÍA FERRANDO M. et al. (comps.): *El análisis de la realidad social: métodos y técnicas de investigación*. Madrid: Alianza, 1989.
- KAUFMAN, M. T.; MERTON, K. R. *Sociólogo versátil e criador do grupo focal*. v. 2. n. 1. julho 2003. Disponível em: <<http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/julho03/06.html>>. Acesso em: 03 ago. 2005.
- KRUEGER, R. *El grupo de discusión: guía práctico para la investigación aplicada*. Madrid: Pirámide, 1991.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Metodología Científica*. São Paulo: Atlas, 1988.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. *Depoimentos e Discursos: uma proposta de análise em pesquisa social*. Brasília: Líber, 2005a.
- _____. *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa*. 2.ed. Caxias do Sul/RS: EDUCS, 2005b.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- _____. *Formação inicial e construção da identidade profissional de professores do 1º grau*. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 8, 1996. Anais. Florianópolis/ SC, 1996. v. 2.
- MIGUEL VALLES, M. *Técnicas cualitativas de investigación social: reflexión metodológica y práctica profesional*. 3.ed. Madrid: Síntesis, 2003.
- POLITY, E. *Dificuldade de Ensinagem: Que história é essa...?* São Paulo: Vetor, 2002.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- ZIONE, F. *Pesquisa e intervenção social*. Disponível em: <http://www.ambiente.sp.gov.br/EA/adm/admarqs/Fabiola_Zioni.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2006.